

José Alves Ribeiro *

Caracterização genérica da região vinhateira do Alto Douro

1. CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA DA REGIÃO

1.1. Sub-regiões

A região vinhateira do Alto Douro é uma região demarcada que se estabelece geograficamente ao longo do troço médio do vale do rio Douro e parte de alguns dos seus afluentes das duas margens, e define-se desde Barqueiros no concelho de Mesão Frio até Mazouco, no concelho de Freixo de Espada à Cinta, ao longo de 100 Km sobre o estrato geológico do complexo xisto-grauváquico pré-câmbrico.

Está subdividido tradicionalmente em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior. No entanto nesta resenha seguiremos um critério um pouco mais pormenorizado para as sub-regiões ecológicas estabelecidas para toda a província de Trás-os-Montes e Alto Douro por Gonçalves (1986) que se resume na carta transcrita com a devida autorização do autor e reproduzida na Figura 1 representando toda a Província.

Seguindo-se este critério, vão inserir-se no Alto Douro vinhateiro seis sub-regiões, (no mapa com siglas TQ1, TQ2, TQ4, TT1, TT2, TT4, notando-se que as sub-regiões TQ3 e TT3 não têm expressão na região demarcada duriense), em que as sub-regiões TQ (Terra Quente) correspondem à zona de menor altitude (Douro-vale) até aos 400 metros de altitude, de mais marcada mediterraneidade (piso bioclimático mesomediterrâneo médio), acentuando-se a interioridade de 1 para 4; e as sub-regiões TT (Terra de Transição), zonas sub-planálticas, com algum

cariz sub-atlântico (piso bioclimático mesomediterrâneo superior), a altitudes entre 400 e 700 metros, sendo igualmente de 1 a 4 o gradiente de interioridade, ou seja, vai-se acentuando uma feição ecológica sub-continental. Na Figura 2 está apenas a região demarcada.

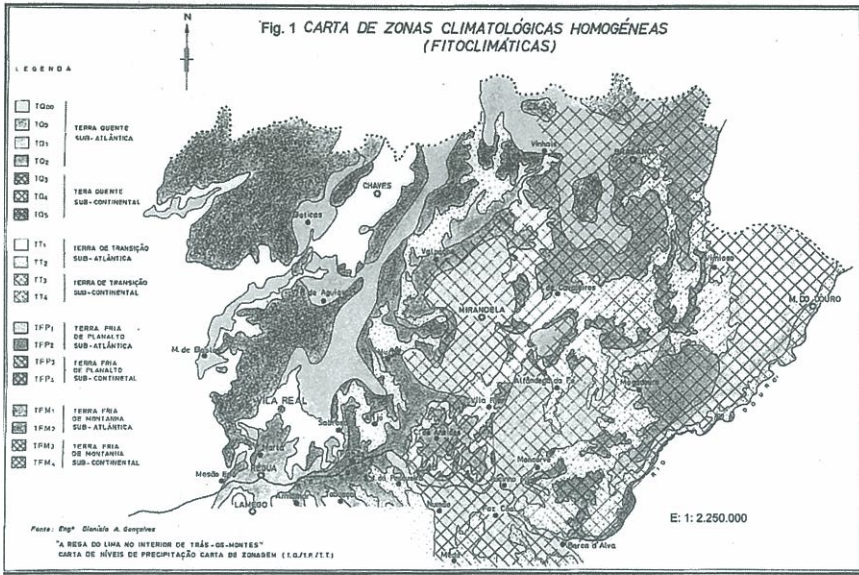


Figura 1 – Carta de zonas climatológicas homogéneas (fitoclimáticas).

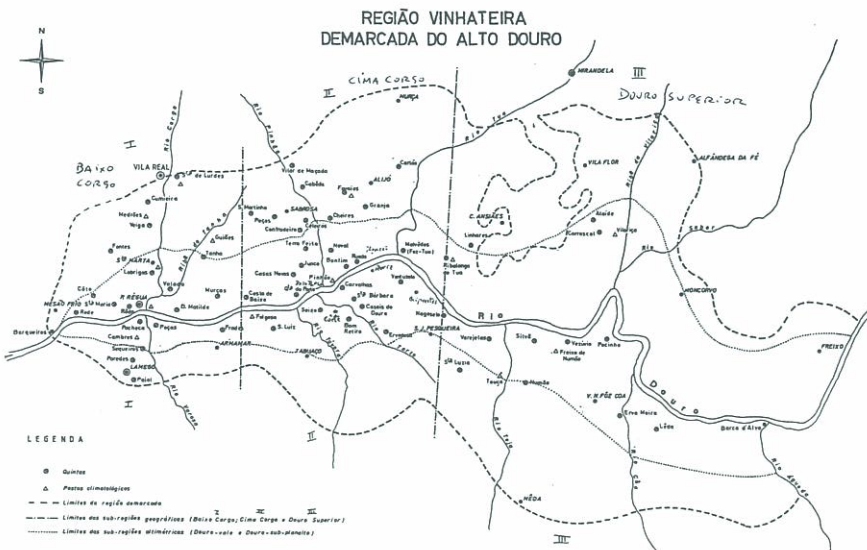


Figura 2 – As sub-regiões do Alto Douro e as quintas mais importantes

As sub-regiões TQ1, TQ2 e TQ4, estão inseridas bem dentro da Associação florística da azinheira (*Quercetum rotundifoliae*) e as sub-regiões TT1, TT2 e TT4 na transição para a associação do carvalho negral (*Quercetum pyrenaicae*), como se pode confirmar no mapa fitogeográfico de Portugal Continental de J. Amaral Franco (1981) de que se transcreve a Zona Norte (Figura 13) e na carta fitogeográfica regional de Mendonça e Vasconcellos (1970/71) (Figura 14).

Por outro lado, a sub-atlanticidade nas zonas mais ocidentais, ou seja, na sub-região do Baixo Corgo, é definida em toda a Província pela presença exclusiva de *Quercus robur* (carvalho-roble) e de *Ilex aquifolium* (azevinho) e pela maior preponderância de *Pinus pinaster* (pinheiro bravo), de *Ulex europaeus* (tojo-arnal), de *Adenocarpus complicatus* (codeço), e de *Erica arborea* (urze-branca), enquanto a sub-continentalidade nas zonas mais interiores, a leste, é definida pela presença exclusiva do *Juniperus oxycedrus* (zimbros), de *Lygos sphaerocarpa* (piorno), de *Acer monspessulanum* (zelha), e de *Rhamnus lycioides* (espinheiro-preto), e maior preponderância de *Cistus ladanifer* (esteva), de *Lavandula pedunculata* (rosmaninho), de *Thymus mastichina* (tomilho), de *Cistus albidus* (roselha), *Prunus mahaleb* (abrunheiro-bravo) e outras espécies tipicamente mediterrâneas. De certo modo, a sub-região central, o Cima-Corgo, estabelece a transição entre o Baixo-Corgo de feição sub-atlântica e o Douro Superior de feição marcadamente ibero-mediterrânica e muito conotado com a grande região conhecida pelo nome de Terra Quente. Esta situação de transição do Cima Corgo vai-se traduzir nalguma polémica quanto às delimitações fitogeográficas da região duriense, como veremos no sub-capítulo 1.4 relativo à Flora e Vegetação.

1.2. Clima

Os dados climatológicos para este trabalho foram alguns deles recolhidos na publicação *O Clima de Portugal*, dos Serviços Meteorológicos; outros foram cedidos gentilmente pelo Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro; outros ainda transcritos da publicação *Contribuição para o estudo das geadas em Portugal Continental*, de Bettencourt (1980).

Para complemento da caracterização das seis sub-regiões transcrevem-se também os gráficos ombrotérmicos baseados em médias de 30 anos (Figuras 3 a 8).

Todo o Alto Douro vinhateiro é caracterizado pela mediterraneidade. Esse aspecto é bem patente nos índices climáticos visíveis nos referidos gráficos anexos, sendo tanto mais acentuada quanto mais interiores e de mais baixa altitude forem as estações (e respectivas sub-regiões) consideradas. Veja-se, por exemplo, o deficit hídrico e compare-se Régua com o Pocinho ou Alijó com Moncorvo.

Quadro 1 – Caracterização climática da região (médias de 30 anos)

	BC-V RÉGUA	BC-SP V. REAL	CC-V PINHÃO	CC-SP ALIJÓ	DS-V POCINHO	DS-SP MONCORVO
Temperatura média do ar (°C)	15.5	13.6	16.2	13.6	16.5	15.2
Humidade relativa do ar (%)	75	74	74	73	72	71
Insolação %	53	58	50	54	57	59
Número de dias de geada por ano	26	59	30	62	40	45
Precipitação anual (mm)	855.7	1018.8	658.0	780.6	405.5	505.7
Evapotranspiração potencial (mm)	824	740	869	741	901	807
Evapotranspiração real (mm)	534	545	503	477	407	461
Deficit da água (mm)	290	225	366	264	473	346
Super avit. de água (mm)	318	504	161	153	0	45
Índice hídrico	17.5	49.9	-6.7	-0,7	-31.5	-20.2
Classificação climática de Thornthwaite	C ₂ B ₂ s ₂ b ₄	B ₂ B ₂ sb ₄	C ₁ B ₂ sb ₄	C ₁ B ₂ s ₂ b ₄	DB ₃ db ₃	DB ₂ db ₄

BC-V, CC-V e CC-SP – Clima tipo CBSb – Sub-húmido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

BC-SP – Clima tipo BBSb – Húmido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

DS-V e DS-SP – Clima tipo DBdb – Semi-árido, mesotérmico, de Verão seco e de moderada concentração da eficácia térmica estival

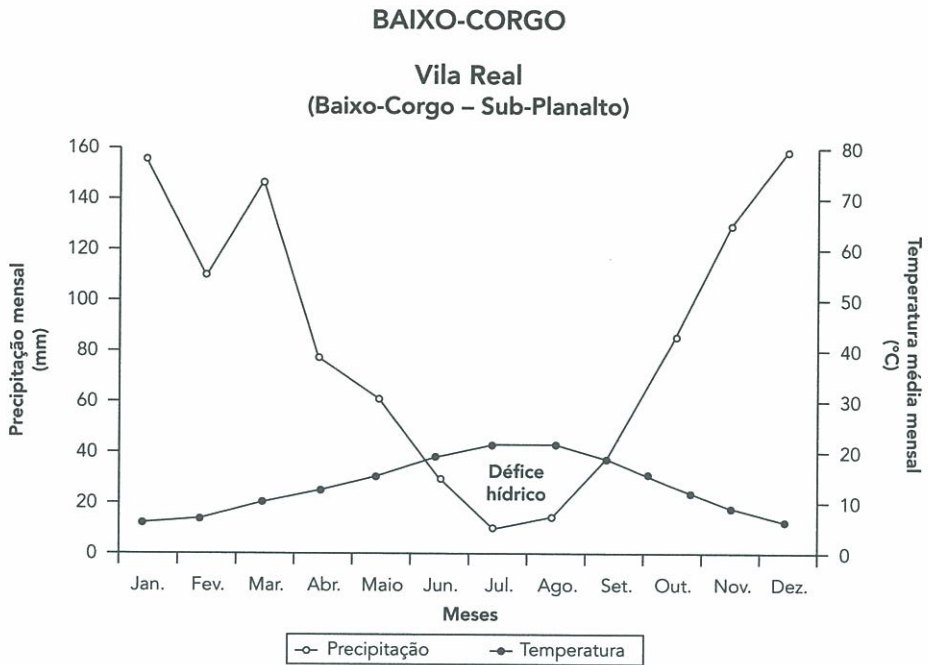


Figura 3 – Gráfico ombrotérmico de Vila Real. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 30 anos.

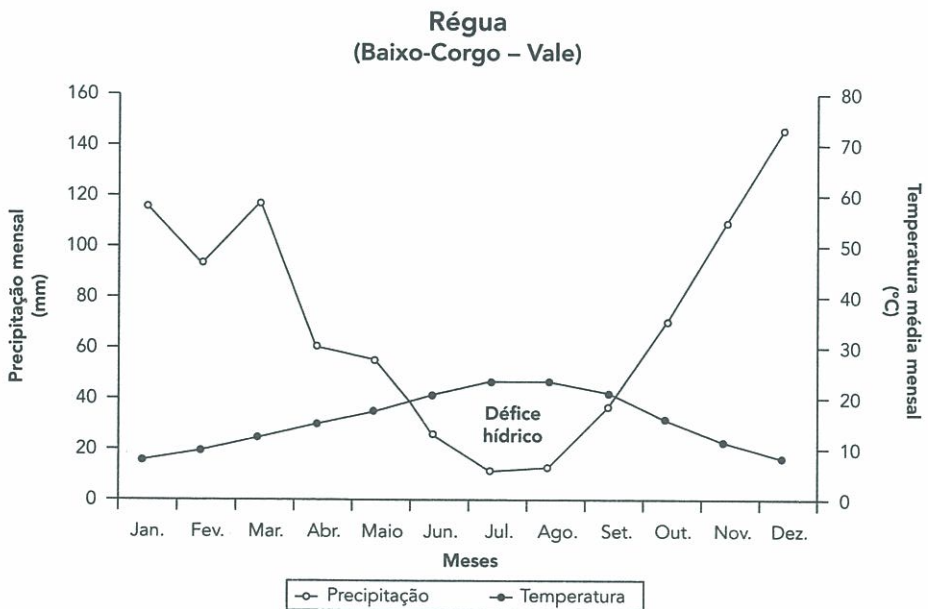


Figura 4 – Gráfico ombrotérmico da Régua. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 30 anos.

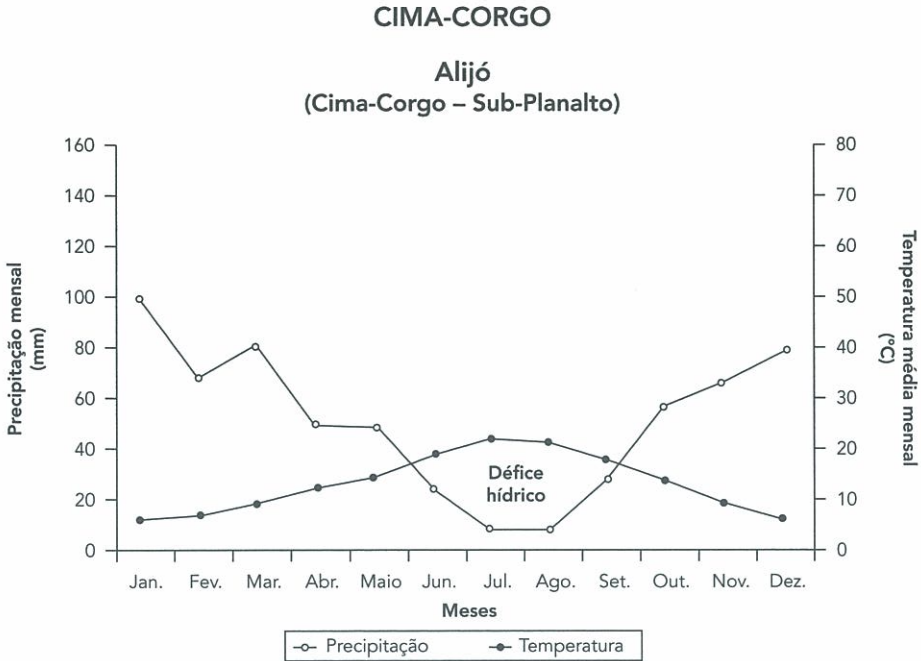


Figura 5 – Gráfico ombrotérmico de Alijó. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

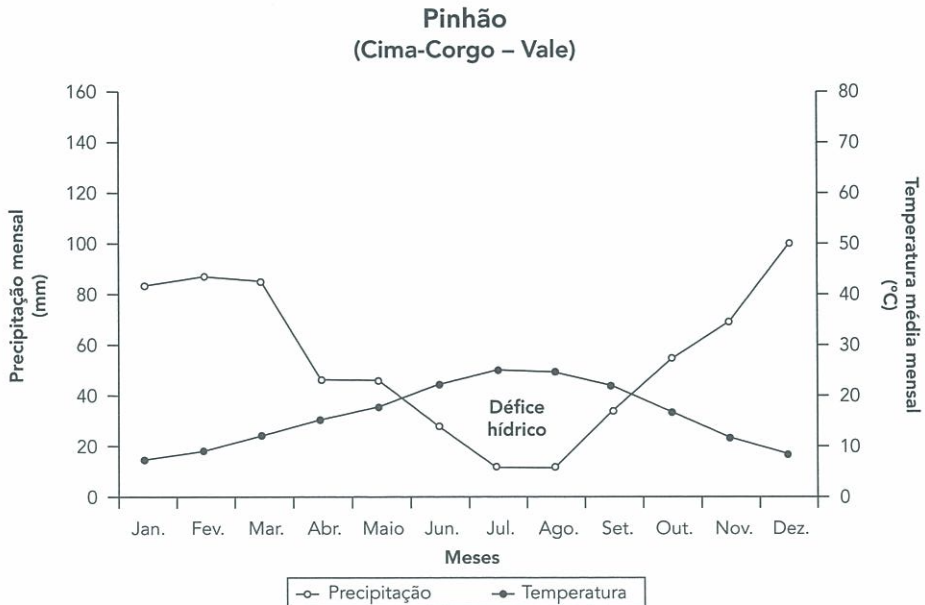


Figura 6 – Gráfico ombrotérmico do Pinhão. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média anual são médias de 30 anos.

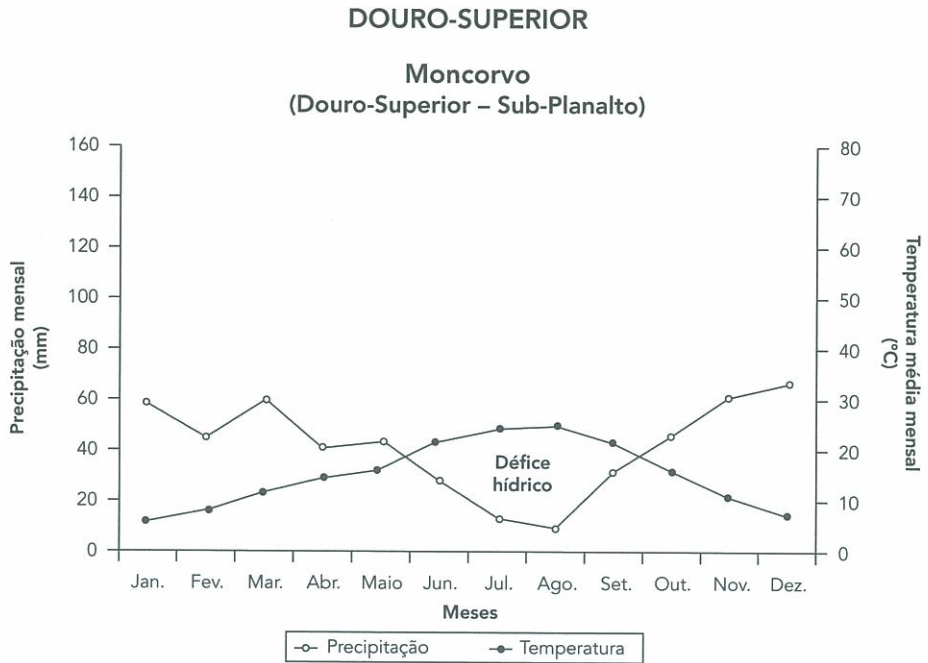


Figura 7 – Gráfico ombrotérmico de Moncorvo. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

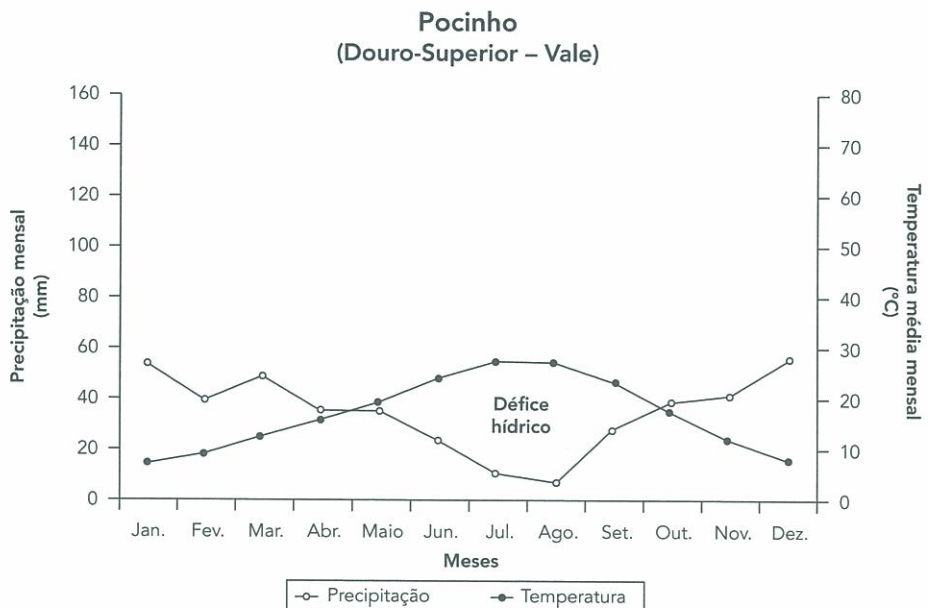


Figura 8 – Gráfico ombrotérmico do Pocinho. Os valores da precipitação mensal e da temperatura média mensal são médias de 25 anos.

1.3. Geologia e Solos

Devido à relativa homogeneidade geológica, quase toda a região vinhateira do Alto Douro se situa no complexo xisto-grauváquico pré-câmbrico. Há quase um decalque da demarcação desta região vinhateira sobre a referida mancha xistenta. Apenas em alguns locais, como Carrazeda de Ansiães, Numão (no concelho de Foz Côa) e Sande (no concelho de Lamego), surgem manchas graníticas intercaladas nessa grande mancha xistosa, sendo a do planalto de Carrazeda de Ansiães a de maior expressão em área.

Essa mancha xisto-grauváquica é circundada, a Norte em Trás-os-Montes e a Sul na Beira-Douro, essencialmente por granitos. Num outro ponto, como na zona de Moncorvo – Barca de Alva, surgem também pequenas manchas do silúrico e do ordovício. Estes aspectos podem ser observados na carta geológica da região, transcrita da carta Geológica de Portugal Continental (Figura 9).

Os solos da região vinhateira do Alto Douro são, também, pouco diversificados e quase todos de origem artificial, provenientes de arroteias, surribas ou «saibramentos» de 1,0 a 1,5 metros de profundidade, acompanhados da fragmentação da rocha-mãe. Os solos naturais existentes em matas, incultos ou em certas áreas cultivadas mas degradadas são, de modo geral, leptossolos dístricos ou, mas raramente, êutricos, cambissolos dístricos ou úmbricos, por vezes levemente podzolizados. Nos sub-planaltos surgem alguns leptossolos úmbricos, associados a cambissolos.

Nos fundos dos vales e em algumas estreitas várzeas existentes na região, encontram-se fluviossolos de aluviões ou coluviões dístricos ou êutricos; sendo os êutricos mais raros e quase só no Douro Superior, onde são menos ácidos. Nos terraços fluviais e depósitos de vertente também se encontram cambissolos diversos. Mas a maior parte dos solos onde as vinhas estão implantadas são, como já referimos, de origem artificial, são pois antrossolos de mistura (dístricos ou mais raramente êutricos) de xistos ou de gneisses (nas faixas de transição geológica dos xistos para os granitos, sendo estes últimos em muito menor escala.

A grande maioria dos solos da região serão, portanto, antrossolos de mistura dístricos de xisto. Os solos das vinhas durienses, na maioria antrossolos, são de um modo geral solos de textura franca com bastante limo e areia fina, bastante ácidos (pH de 4,5-5,5, embora no Douro Superior atinjam o pH 6.0 ou mesmo 6.5) e horizontes pouco definidos, pouco evoluídos e pobres em matéria orgânica.

Nas zonas marginais da região demarcada surgem manchas graníticas e é nessa transição xisto/granito que há alguns solos arenosos ainda de cor mais clara e ainda mais ácidos.

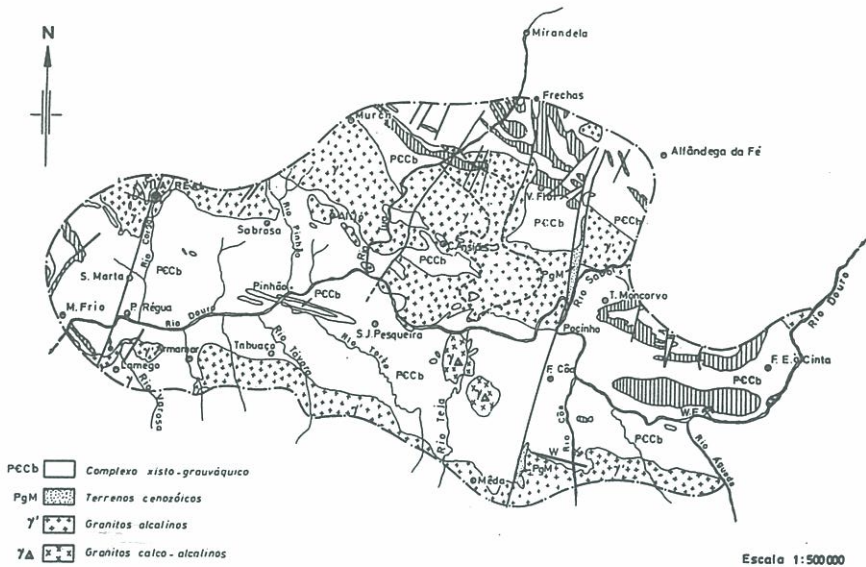


Figura 9 – Carta geológica da região durianse

Caracterização dos antrossolos:

Vamos citar a definição de antrossolos (ou antropossolos) proposta por Afonso Martins (1985): «Como a palavra sugere, são solos nos quais o Homem teve uma influência decisiva na sua formação.

Assim acontece na maioria dos solos que constituem as vinhas do Douro, os quais seriam uma associação de leptossolos e cambissolos (dístricos na sua maioria) e no seu estado natural não permitiram a instalação da vinha em face da sua pequena espessura e consequente dificuldade de penetração do sistema radicular e de armazenamento de suficiente volume de água para suprimir as necessidades da planta.

A acção do Homem desenvolveu-se no sentido de conseguir um aprofundamento do solo através de uma mobilização profunda que provocou a desagregação da rocha e a sua fractura em pedaços de diferente tamanho e a mistura do solo pré-existente com todo o material daí resultante.

Após esta operação, o solo passa a ter um perfil formado por uma camada única com profundidade que oscila entre 1 e 1,5 m constituída por uma mistura de algum solo com pedregosidade de diferentes tamanhos, numa proporção que depende da espessura inicial de solo e da dureza da rocha, mas sempre elevada.

Normalmente, com o decorrer do tempo e devido à acção dos elementos climáticos e da acção mecânica das máquinas durante as mobilizações anuais na camada superficial, e ao processo de meteorização dos pedaços de rocha ao

longo do perfil, há uma diminuição do teor de pedregosidade à superfície e ao longo do perfil do solo. Também porque existe maior densidade de raízes na camada superficial e porque é nessa camada onde se fazem os cultivos anuais, há a tendência para a formação de um horizonte superficial com características um pouco diferentes do resto do perfil.

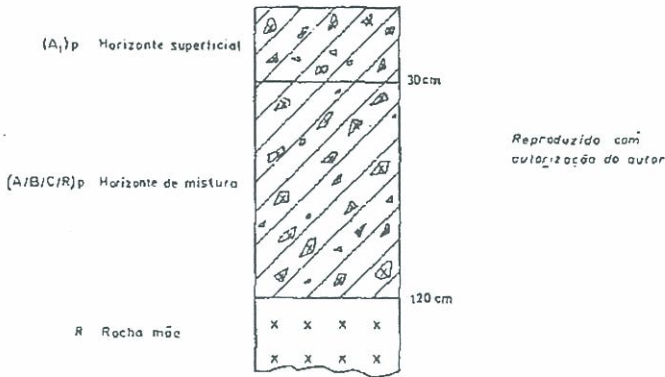


Figura 10 – Perfil típico de Antrossolo

Sobre as suas características, são solos de textura grosseira a média em que dominam teores elevados de areia fina e limo, elevado teor de elementos grosseiros, baixos teores de matéria orgânica, sub-ácidos e baixos teores em bases.

A sua utilização para o cultivo da vinha pressupõe a incorporação de estrumes, de correctivos calcários e adubos de acordo com as doses aconselhadas, depois da análise do solo em cada caso.

Trabalho semelhante tem sido feito na implantação de novos povoamentos florestais com o aproveitamento de solos delgados e pobres para a instalação de espécies florestais, nomeadamente de resinosas. Neste caso não é costume proceder-se como no caso anterior quanto à incorporação de fertilizantes e estrumes dados as menores exigências destas espécies e o seu rendimento».

Junto aos rios, fundos dos vales, base das encostas e faixas laterais das linhas da água definem-se algumas estreitas manchas de fluvissois de aluviões, solos portanto mais evoluídos, geralmente de textura franco-argilosa, com horizontes melhor definidos, alguma pedregosidade mas menor e à base de material boleado ou rolado, e são solos bastante mais férteis que os antrossolos (ou antropossolos) atrás referidos.

No Douro Superior, devido a características geológicas um pouco diversificadas dentro do complexo xisto-grauváquico, pois surgem rochas menos ácidas, e devido a uma ainda mais acentuada aridez, os solos são um pouco mais argilosos e menos ácidos que no Baixo e Cima Corgo.

1.4. Flora e Vegetação

Já num estudo de 1944 do Prof. Arnaldo Roseira sobre a flora da Província de Trás-os-Montes se reconhece que a subdivisão microclimática está, por sua vez, intimamente ligada à orografia e a situação geográfica das diversas sub-regiões, como se explicita nalgumas das suas conclusões que tomamos a liberdade de transcrever:

– «A região do vale do Douro (aproximadamente a zona quente do Norte de Gerardo Pery, e o Alto Douro de H. Lautensach e de A. Girão) liga-se, sob o ponto de vista florístico, à região mediterrânea e ao Centro Espanhol. Por tal facto, quer-nos parecer que se deve considerar esta zona ligada ao Centro Espanhol, e que as plantas espontâneas da região mediterrânea, são aí possíveis por causa da temperatura de Verão. As plantas cultivadas existem, não só pela temperatura e secura da estação quente, mas também pelos cuidados prestados pelo Homem, que impedem a concorrência da vegetação espontânea.

– É importante notar que é principalmente a humidade que condiciona a distribuição dos vegetais dos sectores Norte-Atlântico e Central. A linha que os divide coincide, no seu traçado geral, com a de separação da Ibérica húmida da Ibérica seca.

– Sobrepoem-se nos vales do Douro, Tua e Sabor, os sectores central peninsular e a região mediterrânea. Pela percentagem das plantas anuais, bienais, vivazes e perenes, quer-nos parecer que se pode explicar o facto. O clima destas regiões coincide com o Centro Espanhol e com o do Mediterrâneo em parte do ano, na estação quente. É o que parece indicar o grande número de espécies, que na estação desfavorável, ou estão reduzidas a órgãos de disseminação, ou então reduzem a parte aérea para não perderem calor para o exterior.

– Devemos, portanto, considerar nesta Província dois grupos florais: Trás-os-Montes, a parte mais elevada e com domínio da flora europeia, e Alto Douro, aquele em que domina a flora mediterrânea. Grande parte da província, principalmente a parte leste, deve ser considerada como pertencente ao sector centro-espanhol».

Aliás Arnaldo Roseira cita geógrafos como Pery, Lautensach e A. Girão e climatologistas como Amorim Ferreira para confirmação dessas subdivisões, baseia directamente o seu estudo numa inventariação de cerca de milhar e meio de espécies de toda a Província que sintetiza em dois mapas (ver Figuras 11 e 12 que se transcrevem com as devidas autorizações do editor) e que explicitam as principais linhas de influência da flora de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde o Alto Douro se situa na zona de confluência dessas duas correntes florísticas fundamentais (Norte-Atlântica e Centro-Ibérica) que na realidade de desdobram em quatro: Atlântica, Leonesa (Pirenaico-Cantábrica), Centro-Ibérica e Ibero-Mediterrânea.



Figura 11 – Correntes florais dos sectores Norte-Atlântico (N.A.) e Central (C.) (extraído de Rozeira, 1944)

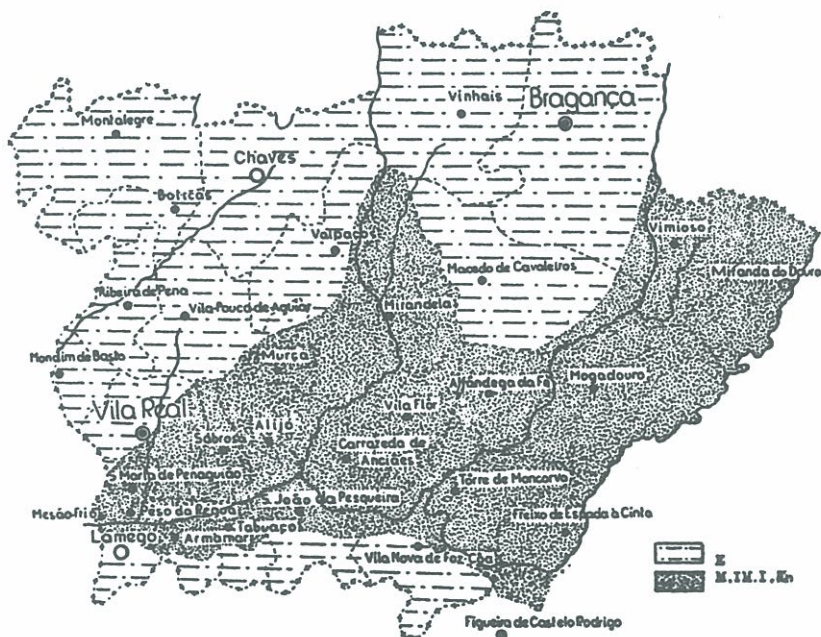


Figura 12 – Distribuição na Província das plantas da Europa Central (E.) e das Mediterrâneas (M.), Ibero-Mauritânicas (I.M.), Ibéricas (I.) e Endémicas (En.) (extraído de Rozeira, 1944).

Os dois grupos florais referidos por Arnaldo Roseira para a Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, ou seja: o grupo floral europeu na zona de maior altitude (Trás-os-Montes propriamente dito) e o grupo floral mediterrâneo no Alto Douro e Terra Quente correspondem às Associações Florísticas respectivamente do *Quercetum pyrenaicae* e do *Quercetum rotundifoliae*.

Convém recordar que já Vergílio Taborda (1932) no seu estudo geográfico relativo a Trás-os-Montes se refere a esta diferenciação entre a atlanticidade e a continentalidade marcadas no Norte do País pela orientação Nordeste/Sudoeste das principais cordilheiras de montanhas.

Como já foi referido, a sub-região do Baixo Corgo, em situação mais ocidental, corresponde à porção do domínio fitogeográfico sub-atlântico inserida no Alto Douro vinhateiro. Este domínio sub-atlântico, em rigor um piso bioclimático meso-mediterrâneo próximo e em contacto com o bioclima euro-atlântico que informa todo o Noroeste peninsular, relaciona-se com o nível basal e parte de submontano do lado ocidental (até aos 400-500 metros de altitude), identifica-se com as sub-regiões do Baixo Corgo e do Tâmega Médio e Inferior e ainda com as vertentes do Montemuro e com os vales encaixados do Cávado-Rabagão.

Do estrato das espécies arbóreas, o carvalho roble (*Quercus robur* L.)¹, o sobreiro (*Quercus suber* L.) e o pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Aiton)² são as principais componentes, tornando-se característicos do sub-bosque determinados elementos arbustivo-arbóreo ou arbustivos: a torga [*Calluna vulgaris* (L.) Hull], a urze branca (*Erica arborea* L.), os tojos (*Ulex* spp.) e os codeços [*Adenocarpus compli-catus* (L.) Gay] e ainda o medronheiro (*Arbutus unedo* L.), o lentisco (*Phyllirea angustifolia* L.), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.), o trovisco (*Daphne gnidium* L.), o estevão (*Cistus populifolius* L.), o folhado (*Viburnum tinus* L.)³ e o espargo bravo (*Asparagus acutifolius* L.), alguns dos quais são elementos submediterrâneos.

Quanto às sub-regiões do Cima Corgo e do Douro Superior, com a ressalva da posição de transição do Cima-Corgo, estas estão inseridas no domínio fitogeográfico submediterrâneo, (também identificado com a Terra Quente subcontinental), que se relaciona com o nível basal do interior leste (até altitudes dos 450 a 500 m) nos pisos bioclimáticos mesomediterrâneo médio e inferior e neste piso se

¹ Define-se nesta área a subassociação *Rusco aculeati-Quercetum roboris-Quercetosum suberis* definida por bosques mistos de carvalho roble e sobreiro que se estende um pouco para o interior em altitudes medianas nas faixas de transição do mesomediterrâneo superior.

² Os carvalhais do Centro e Norte, sobretudo nas zonas mais litorais (e portanto mais atlânticas) estão muito ocupadas pelo pinheiro bravo considerado não completamente autóctone. Nota-se nas clareiras e bordaduras dos pinhais a presença de carvalhos tentando reconquistar o seu ancestral domínio.

³ Também se define no Baixo Corgo a subassociação *Rusco aculeati-Quercetum roboris-Viburnetosum* de carvalhais de roble acompanhados de um belíssimo arbusto, também cultivado em jardins e que se denomina folhado.

incluem as sub-regiões Cima Corgo e do Douro Superior do Alto Douro vinhateiro e todo o Vale do Tua da Terra Quente Transmontana. A azinheira [*Quercus rotundifolia* Lam. ou *Quercus ilex* L. ssp. *rotundifolia* (Lam.)], o zimbro (*Juniperus oxycedrus* L.) são as espécies mais frequentes, sendo ainda componentes notáveis do estrato arbóreo, o carvalho cerquinho (*Quercus faginea* Lam.), o sobreiro (*Quercus suber* L.), a zelha (*Acer monspassulanum* L.) e, num ponto ou noutro, o zambujeiro (*Olea europaea* L.). Em termos fitossociológicos predominam as subassociações relacionadas com azinhais e sobreirais acompanhados de zimbros⁴, tendo como elementos característicos do sub-bosque, das orlas dos bosques e dos matagais, o piorno [*Lygos shaerocarua* (L.) Heywood ou *Retama sphaerocarpa* (L.) Boiss], a cornalheira (*Pistacia terebinthus* L.), o lentisco (*Phillyrea angustifolia* L.), a esteva (*Cistus ladanifer* L.), o rosmaninho (*Lavandula pedunculata* (Miller) Cav., o tomilho do monte ou bela-luz (*Thymus mastichina* L.), o trovisco (*Daphne gnidium* L.), a roselha (*Cistus albidus* L.) e os sanganhos (*Citrus salvifolius* L. e *Citrus psilosepalus* Sweet.) e a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.). Como se vê nos domínios ibero-mediterrâneo e submediterrâneo, os matos arbustivos integram-se em absoluto na classe *Cisto-Lavanduletea*. Esta vegetação está sobretudo refugiada nos denominados mortórios – antigas vinhas abandonadas no *post-filoxera* e hoje magníficos bosques e matagais representativos da vegetação mediterrânea duriense.

Para melhor ilustração destas sub-regiões florísticas e fitogeográficas que enquadram o Alto Douro vinhateiro, transcrevem-se nas Figuras 13, 14 e 15 três mapas fitogeográficos que não coincidem nos respectivos critérios: no primeiro que é um mapa fitogeográfico de Portugal Continental de Amaral Franco (1982) de que se transcreve a zona norte, o autor considera todo o vale do Douro até à quota dos 400 metros (o denominado Douro-Vale) inserido na Terra-Quente; o segundo de Mendonça e Vasconcellos (1971) destaca o Baixo Corgo de feição sub-atlântica pela presença do carvalho roble; e o último de Costa et al. 1998, pelo contrário, junta o Baixo ao Cima Corgo no que os autores denominam Super Distrito Duriense em linguagem fitogeográfica, incluindo o Douro Superior no Super Distrito da Terra Quente, o que aliás é consensual em todos os autores. Ressalvada esta polémica, fica deste modo documentada a complexa fitogeografia da Região Duriense.

Nas orlas ribeirinhas de toda a região até ao nível montano demarcam-se as espécies típicas desses espaços como: amieiro (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertner); freixo (*Fraxinus angustifolia* Vahl); ulmeiro (*Ulmus* spp.); choupo (*Populus* spp.); salgueiro (*Salix* spp.); lódão (*Celtis australis* L.); salgueirinha (*Lythrum salicaria* L.) e outras espécies higrófilas e ribeirinhas. O estrato herbáceo das beiradas das linhas

⁴ Subassociações essas denominadas respectivamente *Genisto histicris-Quercetum rotundifoliae Juniperetosum* e *Rusco aculeati-Quercetum suberis Juniperetosum*.

de água insere-se na ampla comunidade do *Thero-Brachypodietea* com os juncais bem definidos no *Mentha suaveolentis-Juncetum inflexi* e ervados higrófilos do *Preslietum cervinae*, ricos em espécies aromáticas e medicinais, como as hortelãs de água (*Mentha aquatica* L., as ervas peixeiras *Preslia cervinea* (L.) Opir, os poejos (*Mentha pulegium* L.) e os marroios (*Lycopus europaeus* L.).

Quanto às espécies arbórea-arbustivas de origem exótica mais disseminadas (e mesmo invasoras e infestantes) teremos de considerar:

- a) Mimosa (*Acacia dealbata* Link)
- b) Acácia (*Acacia melanoxylon* R. Br.)
- c) Ailanto [*Ailanthus altissima* (Miller) Swingle]
- d) Sumagre (*Rhus coriaria* L.)

Esta última, com ancestral origem no Médio Oriente, instalou-se na Terra Quente Transmontana e no Vale do Douro, onde aliás foi cultivada durante séculos como matéria prima complementar da hoje decadente indústria de curtumes que até aos séculos XVIII e XIX teve bastante relevância económica na Província de Trás-os-Montes e Alto Douro; é hoje uma espécie marginal e mesmo infestante de taludes.

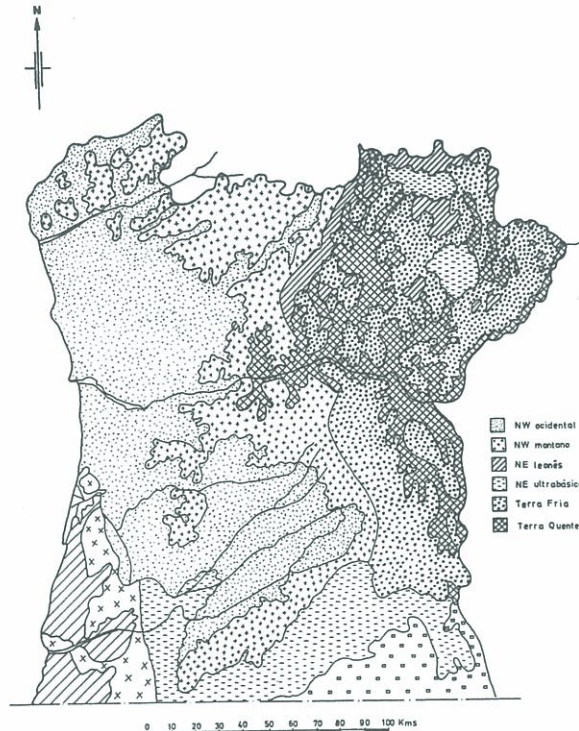


Figura 13 – Zona norte do mapa fitogeográfico de Portugal (extraído de: «Nova Flora de Portugal», 1981, vol. II, do Prof. João Amaral Franco, com autorização do autor).

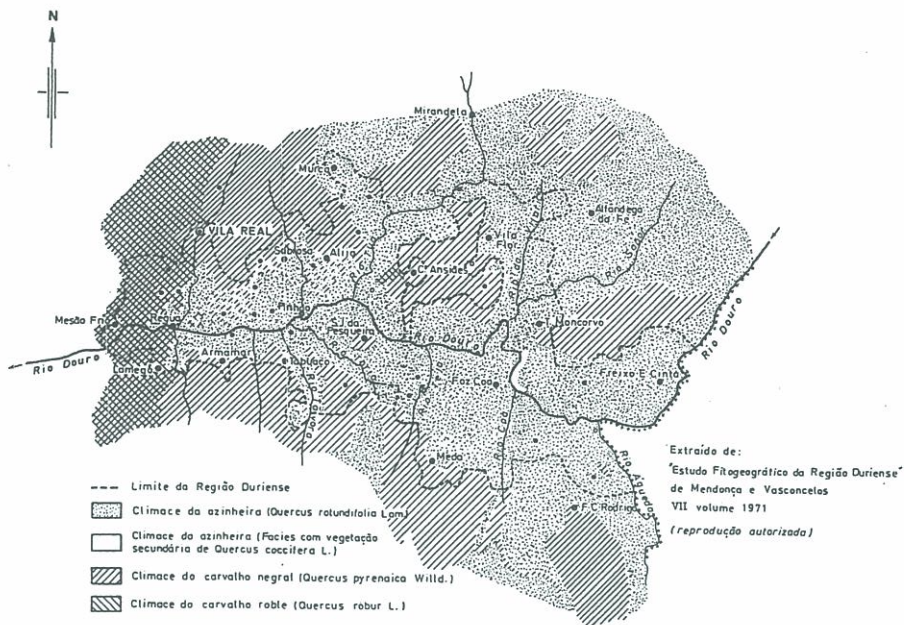


Figura 14 – Mapa fitogeográfico da Região Duriense (principais associações climax).

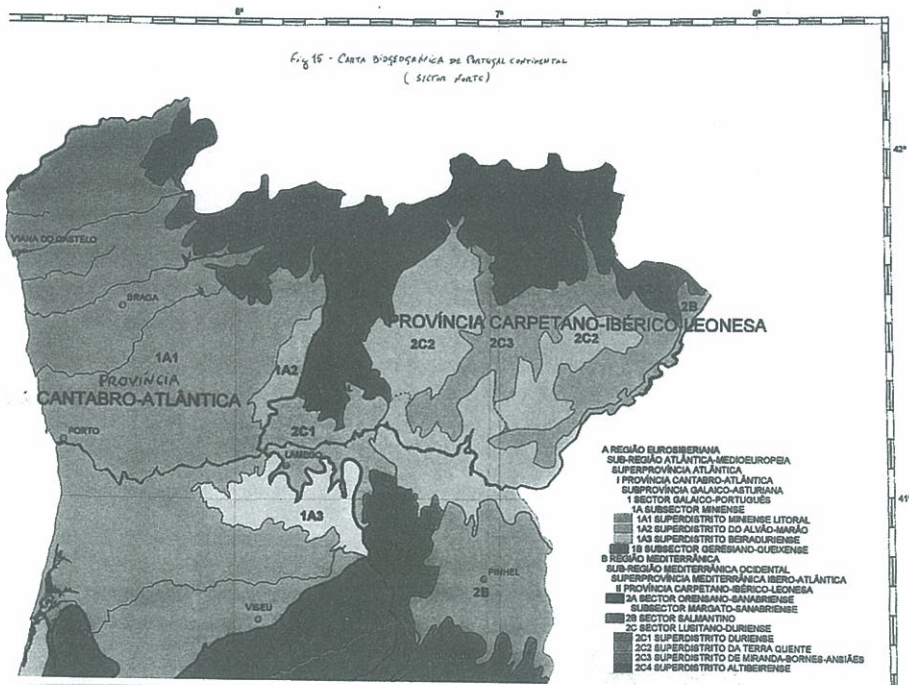


Figura 15 – Carta biogeográfica de Portugal Continental (sector Norte)

2. CARACTERIZAÇÃO DA CULTURA DA VINHA NA REGIÃO DURIENSE

2.1. Área total de vinha

Em diferentes sistemas de implantação existem nesta região vinhateira cerca de 45.000 ha de vinha, todas registadas na Associação de Viticultores – Casa do Douro – nos seus serviços de cadastros e registados os parâmetros de pontuação em classes de qualidade de A a G, sistema esse destinado à distribuição do benefício.

2.2. Sistemas de implantação dos vinhedos (dados extraídos do cadastro do Instituto da Vinha e do Vinho – I.V.V.)

2.2.1. *Vinhas clássicas a maioria com paredes de xisto (30.000 ha) e compassos estreitos (elevada densidade de cepas)*

Tipos de vinhedos: a) geio estreito e plano com 2 a 3 linhas de videiras e 5.000 a 6.000 videiras por ha (vinha pré-filoxera) serão cerca de 1.500 ha.

b) geio largo com alguma inclinação com as linhas de videiras segundo as curvas de nível com vários bardos e 5.000 a 6.000 videiras por ha (vinha post-filoxera) serão cerca de 28.500 ha.

Sistemas de condução mais usados: Guiot, vara e talão, talões; compassos de 1 a 1,5 m; esteios de lousa e dois arames.

Nº de gomos de poda: 6 a 10 no Douro Superior, 8 a 12 no Cima Corgo, 10 a 14 no Baixo Corgo.

Métodos de controlo de infestantes mais usados: 2 a 3 mobilizações anuais (escava, cava e redra) com tracção animal, por vezes complementado com trabalho manual e também a alternância de uma ou duas mobilizações com uso de herbicidas.

2.2.2. *Sistemas mais recentes de implantação em compassos largos (1,8 a 2,5 m) e menores densidades de cepas (15.000 ha)*

a) Vinha em terraço com talude – 6.500 ha (5.000 já instalados e 1.500 ha em fase de implantação) – com 3.500 a 4.000 videiras por hectare.

b) Vinha ao alto – 3.500 ha – com 3.700 a 4.200 videiras por hectare.

c) Vinha moderna de compasso largo sem paredes nem taludes, em terreno mais ou menos horizontal (várzea ou sub-planalto) – 5.000 ha – com 3.700 a 4.200 videiras por hectare.

Nº de gomos de poda – 8 a 12 no Douro Superior, 10 a 14 no Cima Corgo, 12 a 16 no Baixo Corgo.

Sistema de condução mais usados: Guiot e cordão bilateral. Compassos de 1,5 a 2,5 m; esteios de lousa, madeira tratada ou metal e dois a três arames.

Métodos de controlo de infestantes mais usados nas vinhas modernas:

- a) Mobilização mecânica.
- b) Mobilização mecânica complementado com o uso de herbicidas, sobretudo nas linhas.
- c) Controlo de infestantes nos taludes num sistema misto, com uso de herbicidas complementado com corte manual.

2.3. Castas mais importantes

Castas tintas: touriga nacional, touriga francesa, tinta roriz, tinta barroca, tinto cão, tinta amarela, tinta francisca, tinta da barca, mourisco, sousão, bastardo e rufete.

Castas brancas: malvasia fina, donzelinho, viozinho, verdelho ou gouveio, códega ou malvasia grossa, esgana-cão, rabigato, moscatel galego, folgasão, arinto e cerceal.

2.4. Estrutura fundiária

Nos seguintes dois quadros ficam explicitados os dados estatísticos que, de um modo sintético, nos caracterizam o perfil da estrutura fundiária desta região.

Quadro 2 – Distribuição das áreas

Área total da região demarcada (área geográfica)	250.000 ha
Área total de vinha na região demarcada	45.000 ha
Número total de cepas	20.000.000 ha
Número de viticultores	30.000
Média de área por viticultor	1,5 ha
Produção média anual da região	300.000 pipas [1/2 de vinho do Porto; 1/2 de vinho de mesa ^(a)]
Produção média por hectare	7 pipas
Produção média por milheiro de cepas	1,5 a 2 pipas ^(b)

^(a) Denominado também na região de *vinho generoso*, *vinho tratado*, *vinho fino*, ou *vinho de benefício*, enquanto o vinho de mesa também é conhecido como *vinho de pasto* ou *vinho de consumo*.

^(b) 1,5 pipa por milheiro nas vinhas clássicas e 2 pipas nas vinhas modernas. Este aumento de produtividade, devido a melhorias técnicas e ao uso de melhores clones, tem sido acompanhado – situação rara em viticultura – de melhoria na qualidade dos vinhos, também devido a aperfeiçoamentos nas técnicas enológicas assim como ao balizamento (até talvez excessivo) das novas plantações a um reduzido leque de castas consideradas as mais nobres.

Quadro 3 – Distribuição das produções

Até 1 pipa (550 litros)	20.7% dos viticultores	14.4% da produção
De 1 a 2 pipas	17.2% dos viticultores	14.9% da produção
De 2 a 4 pipas	18.3% dos viticultores	19.1% da produção
De 4 a 10 pipas	24.4% dos viticultores	25.6% da produção
De 10 a 20 pipas	12.0% dos viticultores	15.3% da produção
De 20 a 50 pipas	6.8% dos viticultores	8.8% da produção
Mais de 50 pipas	1.2% dos viticultores	2.4% da produção

Esta estatística demonstra bem o carácter minifundiário desta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, C. e CARVALHO, A. M. – *Flora Leonesa das Serras de Nogueira e Montesinho*. «Anuário da Sociedade Broteriana». Vol. 60 (1994), p. 1-1.
- BRAUN-BLANQUET, J.; PINTO-DA-SILVA, A. R. e ROZEIRA, A. – *Résultats de deux excursion géobotaniques à travers le Portugal septentrional et moyen*. «Agronomia Lusitana». Nº 18 (1965), p. 167-235.
- COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÃ e NETO, C. – *Biogeografia de Portugal Continental*. «Quercetea». Vol. 0 (1998), p. 5-56.
- ESPÍRITO SANTO, D.; COSTA, J. C. e LOUSÃ, M. – *Sinopse da vegetação de Portugal Continental*. Lisboa: Departamento de Engenharia Biológica – ISA, 1995.
- GONÇALVES, D. A. – *A rega de lima no interior de Trás-os-Montes*. Bragança: Escola Superior Agrária, 1987, 45 p.
- MARTINS, A. – *Caracterização sumária dos solos de Trás-os-Montes e Alto Douro e sua ocupação*. Vila Real: UTAD, 1985.
- MENDONÇA, F. e VASCONCELOS, J. – *Estudo Fitogeográfico da região Duriense*. «Anais do Instituto do Vinho do Porto». Vol. VII (1970/71), 48 p.
- PINTO-DA-SILVA, J. – *A Flora e a Vegetação das áreas ultrabásicas do Nordeste Transmontano*. «Agronomia Lusitana». Vol. 30, nº 3-4 (1970), p. 178-249.
- RIVAS-MARTINEZ, S. – *Brezales y Jarales da Europa Ocidental*. «Lazaroa». Nº 1 (1979), p. 5-128.
- RIVAS-MARTINEZ, S. – *Memória del mapa de séries de vegetacion de España*. In «VIII Jornadas de Fitossociologia». Málaga, 1988.
- RIVAS-MARTINEZ, S.; CANTO, P.; FERNANDEZ-GONZALEZ, F. e SANCHEZ-MATTA, D. – *Ensayo preliminar para una revision de la clase Quercetea ilicis en España y Portugal*. Madrid: Universidad Complutense, 1988.
- ROSEIRA, A. – *A Flora de Província de Trás-os-Montes e Alto Douro*. «Memórias da Sociedade Broteriana». Instituto Botânico de Coimbra. Vol. 3 (1944), 201 p.
- SOUTO CRUZ, C. – *Panorama do Coberto Vegetal em Portugal*. [S. l.]: Ed. do autor, 1982, 29 p.
- TABORDA, V. – *Alto Trás-os-Montes – Estudo Geográfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1932, 224 p.
- TELES, A. N. – *Os Lameiros de Montanha do Norte de Portugal*. «Agronomia Lusitana». Vol. 31, nº 1-2 (1969), 130 p.

